



ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO: HISTÓRIA  
DISCIPLINA: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II  
PROFESSORA ORIENTADORA: ROSELÂINE CASANOVA CORRÊA.

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II:

Futebol e História:

REVISTA PLACAR (1982-1983):

A importância da democracia corintiana como manifestação cultural de resistência por meio do uso simbólico do futebol para o avanço dos Direitos políticos no Brasil

GUILHERME PARNOV FERRAZ

Santa Maria, RS.

2020

## **CURSO DE HISTÓRIA**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

Futebol e História:

REVISTA PLACAR (1982 -1983):

A importância da democracia corintiana como manifestação cultural de resistência por meio do uso simbólico do futebol para o avanço dos Direitos políticos no Brasil

Elaborado por

**GUILHERME PARNOV FERRAZ**

Como requisito parcial para obtenção do grau em LICENCIATURA em HISTÓRIA.

---

Prof. Me. Roselaine Casanova Corrêa – Orientadora

---

Prof. Me. Alexandre Maccari Ferreira

---

Prof. Dr. Márcio Tascheto da Silva

Santa Maria, RS, Brasil

2020

Dedico este trabalho aos meus familiares e colegas que sempre estiveram ao meu lado, nos momentos bons e ruins, enriquecendo minha trajetória acadêmica e pessoal. Meu muito obrigado!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, Clair Parnov Ferraz que meu deu forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação, assim como meu pai, Moacir de Moura Ferraz, por ser essencial na minha vida e a toda minha família.

Agradeço aos meus irmãos Alexandre Parnov Ferraz e Eduardo Parnov Ferraz por todo o incentivo durante os anos de faculdade. A minha namorada Jéssica Freitas Goulart, pela compreensão e apoio em todos os fins de semana dedicados aos estudos. Também aos meus colegas, Emanuéli Halm Chagas, Gabriel Silva, Gustavo Bauer Mahmud e Jonas Migotto, assim como meus amigos, Elvis Lorentz, Pedro Lopes, Leonardo Pezzi e Nicolas Mota, que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre.

Agradeço aos meus professores, Alexandre Maccari Ferreira, Janaina Souza Teixeira, Leonardo Guedes Henn, Márcio Tascheto da Silva e Odilon Kieling Machado por toda a ajuda e ensinamentos durante este período tão importante da minha formação acadêmica, em especial a minha orientadora, Roselaine Casanova Corrêa, por me acolher e acreditar em mim.

Agradeço também a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

*“O futebol é o ópio do povo e o  
narcotráfico da mídia”.*

*Millor Fernandes*

# **REVISTA PLACAR (1982 -1983): A IMPORTÂNCIA DA DEMOCRACIA CORINTIANA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE RESISTÊNCIA POR MEIO DO USO SIMBÓLICO DO FUTEBOL PARA O AVANÇO DOS DIREITOS POLÍTICOS NO BRASIL**

## **PLACAR MAGAZINE (1982-1983): THE IMPORTANCE OF CORINTHIAN DEMOCRACY AS A CULTURAL MANIFESTATION OF RESISTANCE THROUGH THE SYMBOLIC USE OF FOOTBALL TO ADVANCE POLITICAL RIGHTS IN BRAZIL**

### **Resumo**

Esta pesquisa busca expor e compreender um movimento democrático - em uma equipe de futebol - que surgiu no período em que o Brasil passava por um momento delicado de uma Ditadura Civil-Militar. O movimento chamado por todos de Democracia Corinthiana surgiu entre as gestões ditatoriais civil-militar brasileiras. Além disso, este clube paulista, de nome Sport Club Corinthians Paulista - cuja gestão mostrou-se bastante autoritária no decorrer dos seus 98 anos de existência - quando organizado, evidenciou que conseguia mudanças na administração da instituição bem como no Estatuto do clube em geral. A importância do tema passa por todos os aspectos políticos desse movimento democrático em meio à ditadura civil-militar brasileira. Isso proporcionou uma aproximação entre o esporte (futebol) e a História. Nesse sentido, a revista esportiva Placar foi escolhida como fonte primária desta pesquisa. Referente ao método utilizado, se tratou de uma revisão bibliográfica acerca da Democracia Corinthiana no Brasil. Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa em questão foi evidenciar, por meio da Revista Placar, os aspectos históricos da Democracia Corinthiana em meio a ditadura civil-militar no Brasil. Trata também de compreender a Democracia Corinthiana como uma das manifestações culturais de resistência por meio do uso simbólico do futebol em prol do processo democrático brasileiro e identificar as figuras pertencentes ao Sport Club Corinthians Paulista, que fizeram parte do que foi chamado de Democracia Corinthiana.

**Palavras-chave:** Democracia Corinthiana. Ditadura Civil-Militar. Revista Placar.

### **Abstract**

This research seeks to expose and understand a democratic movement - in a soccer team - that arose in the period when Brazil was going through a delicate moment of a Civil-Military Dictatorship. The movement known by all as Corinthians Democracy, emerged among Brazilian civil-military dictatorial administrations. Furthermore, this club from São Paulo, called Sport Club Corinthians Paulista - whose management proved to be quite authoritarian during its 98 years of existence - when organized, showed that it managed to change the institution's administration as well as the club's Statute in general. The importance of the theme goes through all the political aspects of this democratic movement in the midst of the Brazilian civil-military dictatorship. This provided an approximation between sport (soccer) and history. Then, the Placar sports magazine was chosen as the primary source of this research. Regarding the method used, it was a bibliographic review about Corinthians Democracy in Brazil. Thus, the general objective of the research in question was to show, through Placar magazine, the historical aspects of Corinthians Democracy in the midst of the civil-military dictatorship in Brazil. It also tries to understand the Corinthians Democracy as one of the on behalf of the Brazilian democratic process and to identify the figures belonging to Sport Club Corinthians Paulista, who were part of what was called Corinthians Democracy.

**Keywords:** Corinthians Democracy. Civil-Military Dictatorship. Placar magazine.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Contexto Histórico.....</b>	<b>9</b>
2.1 O cenário político no período ditatorial civil-militar brasileiro.....	10
2.2 A cultura no processo democrático do Brasil: resistência ao regime ditatorial.....	12
2.2.1 O futebol como abertura política .....	13
<b>3. Democracia Corinthiana.....</b>	<b>15</b>
3.1 Panorama da transição entre a ditadura corintiana e a democracia no Clube.....	15
3.2 O retrato simbólico da Democracia Corinthiana.....	18
<b>4. Revista Placar.....</b>	<b>21</b>
4.1 A Democracia Corinthiana segundo a Revista Placar.....	22
<b>5. DISCUSSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho Final de Graduação – Curso de História (UFN) - teve por objetivo estudar um movimento ocorrido no Sport Club Corinthians Paulista nos anos de 1980, denominado popularmente de Democracia Corintiana. Nesse intento, delimitou-se na presente pesquisa evidenciar, por meio da revista Placar, a importância da democracia corintiana como uma manifestação cultural de resistência por meio do uso simbólico do futebol para o avanço dos direitos políticos no Brasil.

A revista Placar, pertencente do Grupo Abril, circula no Brasil desde 1970, representando um importante impresso de esportes, com participação direta no processo de migração de uma administração desportiva militar<sup>1</sup> para a transformação do esporte em uma prática institucionalmente democrática. Essa revista foi escolhida como fonte primária da presente pesquisa, pois, entre outros aspectos, foi de suma importância na publicização do esporte no Brasil. Nesse sentido, baseando-se, assim, em sua relevância como sendo a principal ferramenta – jornalística e esportiva – impressa no Brasil dos últimos cinquenta anos, a qual tematiza o futebol no país.

No princípio da década de 1980, o Brasil vivia um período de abertura política com as eleições para governador em 1982. Em um clima de luta pela liberdade e restabelecimento do sistema democrático no país, surgiu no futebol brasileiro a chamada Democracia Corintiana. Sem demonstrar futebol bonito, bons resultados e títulos, a ideia de “democracia” no Corinthians não seria tão viável se não fosse por pessoas que estavam engajadas com o clube (MAGALHÃES, 2011).

Desse modo, o problema desta pesquisa estabeleceu-se acerca de como a Democracia Corintiana tornou-se uma das manifestações culturais de resistência por meio do uso simbólico do futebol a influenciar, politicamente, a visão de parcela da sociedade brasileira a respeito dos rumos de um país antidemocrático dentre os anos de 1980-1984. Já a hipótese, permeia o desenvolvimento da Democracia Corintiana

---

<sup>1</sup> Assim como acontecia em outros setores da sociedade, atletas eram vigiados de perto pelo regime e tinham suas ações monitoradas pela inteligência, atenta a qualquer ação considerada subversiva. Fonte: Revista Placar. 38 anos da Placar. Disponível em: [www.placar.com.br](http://www.placar.com.br). Acesso em: 30 de Ago 2020.

enquanto um dos movimentos ideológicos no contexto histórico da época, desdobrando-se posteriormente na política nacional.

No âmbito político do clube, foi necessário que a Democracia Corinthiana procurasse ter um discurso único, uma vez que haviam dirigentes engajados com o movimento interno de redemocratização no país, caso do então presidente Waldemar Pires<sup>2</sup>. Nas palavras de uma das figuras mais marcantes do movimento, Sócrates, na Democracia Corinthiana,

Tudo era votado. Essa foi a ação mais concreta do processo. Dissemos: 'a partir de hoje, o que for coletivo, nós vamos votar'. [...] qualquer questão era levada a voto. Qualquer um podia apresentar um assunto para a votação. Quando viajar? A que horas viajar? Onde concentrar? Tudo era discutido? (SÓCRATES & GOZZI, 2002, p. 67).

A presente pesquisa tem sua importância por abordar uma das manifestações culturais de resistência por meio do uso simbólico do futebol para o processo democrático do Brasil, que é o movimento político ideológico intitulado Democracia Corinthiana, surgido em 1980, no time brasileiro de futebol Corinthians - liderado por jogadores politizados como Sócrates Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Wladimir Rodrigues dos Santos, Walter Casagrande Júnior e Zenon de Souza Farias. Isso proporcionou uma aproximação entre o esporte (futebol) e a História, tornando-se relevante para a mesma, pois afere a importância da luta pela democracia em meio a ditadura civil-militar no país, corroborando, assim, para novas elucidações acerca do presente tema.

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa foi evidenciar, por meio da Revista Placar, os aspectos históricos da Democracia Corinthiana em meio à ditadura civil-militar no Brasil. Trata-se também de observar a Democracia Corinthiana como uma das manifestações culturais de resistência por meio do uso simbólico do futebol em prol do processo democrático brasileiro e verificar as figuras pertencentes ao Sport Club Corinthians Paulista, que fizeram parte do que foi chamado de Democracia Corinthiana.

---

<sup>2</sup> Waldemar Pires: empresário brasileiro da área financeira, proprietário de uma corretora de valores. Também foi presidente do Corinthians entre 1981 e 1985, época da Democracia Corinthiana, sendo atualmente conselheiro do clube paulista (KFOURI, 2006).

Para tanto, o trabalho foi construído a partir de uma revisão de literatura, trazendo para a composição textual a Revista Placar. A composição desta pesquisa deu-se por meio da edificação de um capítulo acerca do contexto histórico da época, desmembrando-se em dois subtítulos: O cenário político no período ditatorial civil-militar brasileiro; e A cultura no processo democrático do Brasil: resistência ao regime ditatorial. O primeiro tratou do cenário político no período ditatorial civil-militar brasileiro e o outro abordou os aspectos culturais no processo democrático do Brasil. Posteriormente, a presente pesquisa discorreu sobre: a Democracia Corinthiana, subdividindo este capítulo em mais dois; os quais tratavam primeiro sobre os seus conceitos, e o segundo acerca do retrato simbólico da Democracia Corinthiana. Por fim, esta pesquisa trouxe à tona a Revista Placar - fonte primária da mesma – além de toda a sua conjuntura em relação à Democracia Corinthiana, segundo o olhar da própria revista.

Referente a metodologia, tratou-se de uma revisão bibliográfica sobre a Democracia Corinthiana no Brasil e seus pressupostos referentes à ideia de transição de um governo ditatorial civil-militar para uma democracia. Dessa maneira, reunindo informações para a execução desta pesquisa e utilizando-se de bibliografia específica da história do Brasil acerca da Democracia Corinthiana e do futebol em geral.

## **2. CONTEXTO HISTÓRICO**

A Ditadura civil-militar brasileira teve sua instauração através de um “golpe” – arquitetado e executado por militares, a partir de 31 de março de 1964, e finalizado por meio do golpe do parlamento, que aconteceu em 2 de abril de 1964. Orquestrado não somente por militares, mas também pelo grande empresariado brasileiro, esse “golpe” contou também com o apoio dos Estados Unidos da América, visando à derrubada de João Goulart e do projeto trabalhista - o qual era um projeto político que visava o desenvolvimento e a promoção do bem-estar social no Brasil.

O Golpe civil-militar de 1964, segundo Rezende (2001), teve o seu início a partir de discursos em prol da democracia e do progresso social. Este retrato histórico pode ser visto a partir do discurso de Castelo Branco - o primeiro presidente do regime civil-militar brasileiro (1964-67) - no Congresso Nacional, segundo o qual ele dizia que era seu dever cumprir de forma plena as grandes metas do movimento vencedor de abril, no

qual “manifestaram-se a população e as forças armadas em um mesmo propósito de recuperar a legalidade, dar força a democracia, estabelecer novamente a paz e fazer a promoção do progresso e da justiça social”. (REZENDE, 2001, p. 68).

## 2.1. O cenário político no período civil-militar brasileiro

Segundo Motta (2014), a ditadura civil-militar brasileira desenvolveu-se com propósitos bem definidos. Sua firme política visava acabar com o sistema advindo de Getúlio Vargas, remodelando a nação. Contudo, a frente heterogênea colocou limites a estas pretensões ousadas. Ainda, de acordo com Motta (2014), esta mesma frente impossibilitou um exagero do arbítrio, expondo brechas pelas quais era possível manifestar setores que não compactuavam com estas políticas governamentais e, também, frentes de esquerda, que conquistaram empatia, principalmente em camadas da classe média, nos meios midiáticos e nos meios culturais e das artes, alcançando, assim, enorme repercussão.

Às direitas no poder, enquanto durou a ditadura militar, esmearam-se em cultivar a memória do golpe como intervenção salvadora, em defesa da democracia e da civilização cristã, contra o comunismo ateu, a baderna e a corrupção. Para isto mobilizaram grandes meios propagandísticos e educacionais. O esforço, no curto prazo, teve resultados apreciáveis, sem dúvida. A partir de certo momento, já todos, ou quase todos, passavam a se referir ao golpe militar, que de fato se verificara, como revolução, como golpistas gostavam de referir à intervenção militar (REIS, 2014, p. 39-40).

Durante o mandato de três anos do ex-presidente Castelo Branco, se estabeleceu a total extinção dos direitos democráticos no Brasil; iniciando-se, assim, um período que se instituiu no país entre os anos 1964 e 1985.

Com o advento da ditadura [civil]-militar no Brasil, e em nome da Segurança Nacional, instalou-se um complexo sistema repressivo para combater a subversão e, ao mesmo tempo, reprimir preventivamente qualquer atividade considerada suspeita por se afigurar como potencialmente perturbadora da ordem (MAGALHÃES, 1997, p. 2).

Nesse sentido, o autor ressalta que em relação ao que os militares visavam para estabelecer a ‘ordem’ na época, foi uma resposta à perseguição política e, em muitos casos, com uso de tortura e violência extrema. Relatos puderam ser apreendidos a partir

do levantamento bibliográfico e da análise das matérias vetadas, de forma prévia, pela ditadura civil-militar, no semanário *O São Paulo*<sup>3</sup>.

Um exemplo do uso de autoritarismo praticado pelas Forças Armadas pode ser destacado com base em uma análise da carta da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, remetida ao semanário para que se pudesse tornar pública a tortura do menor João Isidoro de Oliveira, detido em 1978. Acerca de sua condição física ao ser encontrado pelo pai:

Daí o sr. Reis, chefe da investigação, comunicou-lhe que seu filho estava 'muito doente', com mancha no pulmão e distúrbios cardíacos e que por isso havia sido internado no Hospital Piratininga de Capão Redondo. No mesmo dia o sr. Reis levou o depoente para ver o filho. Ai pode constatar o lamentável estado em que se achava o filho: as duas pernas cortadas pelas ataduras de fios elétricos, com os quais foram aplicados ao menino choques com corrente de 220 Volts. Os pulsos também cortados por ataduras. Os dois olhos estavam enormemente inchados, assim como as pernas e os pés. As costas e o tórax inteiramente cobertos com escoriações e sinais de espancamentos. Viu também a ficha clínica do filho, na qual estão anotados problemas graves no coração e nos pulmões como consequência dos maus tratos que recebeu no 47º Distrito Policial (COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, 1978, p 2).

Nesse intento, o período do regime civil-militar foi responsável por estabelecer um longo estágio de limitação das liberdades civis e que tirou da presidência um governante civil eleito pelo voto popular. Nos anos de 1969-1974, a repressão atingiu seu ápice, momento no qual a ditadura se abriu amplamente à repressão violenta, com a proliferação de detenções e atividades ilegais, torturas diversas, desaparecimentos propositais e mortes por execução. A esse período foi dado o nome de Anos de Chumbo (MOURA et al, 2009).

De acordo com Rezende (2013), a ditadura civil-militar visou, no decorrer da sua existência demonstrar que seus atos e desígnios se consubstanciavam em um dado mecanismo de ideias e valores acerca a de uma "democracia".

Neste sentido,

[...] a busca de adesão para o regime e, ao mesmo tempo, para o governo se fundava, durante a ditadura, na sedimentação da crença nos valores daquelas instituições que o regime se dizia empenhado em preservar. Portanto, ela mantinha as instituições políticas como uma referência deste processo; no entanto, as suas descaracterizações eram justificadas a partir da insistência na

---

<sup>3</sup> Acervo de matérias disponibilizado pela Arquidiocese de São Paulo para o CDPH-UEL.

necessidade de que elas fossem moldadas pelo novo regime político que passava a vigorar (REZENDE, 2013, p. 5).

De acordo com Aquino (1999), o caso da censura política à imprensa, principalmente a escrita, se estabelecia, basicamente, de duas formas: a primeira era através de 'bilhetinhos' e ligações telefônicas em que eram evidenciados a proibição de alguns assuntos. A segunda, dita como censura prévia - por meio de análises de material pretendido à publicação por policiais ou civis registrados e preparados para a atividade - ocorria, de forma direta, nas redações dos periódicos ou logo após, quando enviavam os materiais aos lugares mencionados pelos censores (SOARES, 1989).

Para os impressos que não acatavam as ordens da repressão e da censura, além de terem as edições apreendidas, passavam a ser submetidos à censura prévia. Ou seja, tinham que ter "por longo tempo, a indesejável presença de policiais censores, a lerem, nas redações ou oficinas gráficas, todos os originais produzidos pelos jornalistas" (MARCONI, 1980, p. 61).

## 2.2 A cultura no processo democrático do Brasil: resistência ao regime ditatorial

Quanto ao aspecto cultural, conforme ressalta Napolitano (2014), na ditadura civil-militar, em meio à cena artística da época, encontravam-se nomes como Chico Buarque<sup>4</sup>, Caetano Veloso<sup>5</sup>, Gilberto Gil<sup>6</sup>, Augusto Boal<sup>7</sup>, Jose Celso Martinez<sup>8</sup>, Geraldo Vandré<sup>9</sup>, entre outros, pertencentes a classe média intelectualizada. De forma voluntária ou até mesmo forçada, estes nomes do cenário artístico brasileiro foram exilados por causa dos ideais contrários ao regime que se instaurava. Exemplo disso é o recém lançado filme *Narciso em Férias*, que aborda a prisão e exílio de Caetano Veloso, em formato de

---

<sup>4</sup> Chico Buarque é um músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. É conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira.

<sup>5</sup> Caetano Veloso é um músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro.

<sup>6</sup> Gilberto Gil é um cantor, compositor, instrumentista, produtor musical e político brasileiro.

<sup>7</sup> Augusto Boal foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional.

<sup>8</sup> José Celso Martinez é um dos nomes mais importantes ligados ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil.

<sup>9</sup> Geraldo Vandré foi um advogado, cantor, compositor e poeta brasileiro.

Fontes (4, 5, 6, 7, 8, 9): Ricardo Cravo Albin. O livro de ouro da MPB: a história de nossa música popular de sua origem até hoje. Ediouro Publicações, 2003 ISBN 9788500013454.

entrevista. A repressão era presente nas mais diversas correntes ideológicas e artísticas. Os grupos de artistas (sobretudo na música) eram permeados pelas mais diversas vertentes, desde tropicalistas de vanguarda até comunistas atrelados ao cenário nacional-popular.

A primavera cultural da segunda metade dos anos 1960 parecia subitamente encerrada, literalmente, por decreto. A canção dos Secos & Molhados, grupo de grande sucesso no início dos anos 1970, poderia resumir o projeto cultural de oposição nos 'anos de chumbo': 'Quem não vacila mesmo derrotado/ Quem perdido nunca desespera/ E envolto em tempestade, decepado/ Entre os dentes, segura a primavera (NAPOLITANO, 2014, p. 174).

O trecho da música mencionado na citação revela que a 'primavera' em questão era a cultura em si, e 'entre os dentes' significava manter o ceio cultural em sua posição crítica por direito, bem como transcender e partilhar dentro de uma teia de leitores, espectadores e ouvintes (NAPOLITANO, 2014). Ainda segundo Napolitano (2014), nas artes cênicas a representação era de cunho contracultural, por meio de uma leitura e abordagem debochada e com doses de humor contra a realidade política violenta e conservadora que reprimiam aspectos comportamentais vistos como imorais e sexuais durante todo o regime civil-militar no Brasil.

Por meio de uma atuação focada mais no visual e menos no textual, as peças teatrais e espetáculos colocavam em cena a vertente cruel das instituições oficiais como o Exército, a Igreja e o Estado, de uma forma bem realista, fazendo com que o público sentisse toda a manifestação violenta que a ditadura e o seu respectivo conservadorismo emanava. Na apresentação teatral *O Balcão*, pode-se verificar esta ideia numa cena em que: "[...]os expectadores tinham que se movimentar para cima e para baixo, dentro de estruturas cilíndricas de metal que lembravam um cárcere" (NAPOLITANO, 2014, p. 44).

### 2..2.1 O futebol como abertura política

Além da repressão, o primeiro presidente do Governo Militar também se utilizou do futebol para conquistar prestígio.

A primeira evidência do uso político do futebol ocorreu no dia primeiro de maio de 1964, com receio de intensificar as manifestações contrárias ao golpe recente, o governo Castelo Branco (1964 - 1967) determinou uma série de

clássicos regionais em todas as cidades com mais de 50.000 habitantes (SALVADOR; SOARES, 2009, s/p apud ALMEIDA; RIBEIRO, 2014, p. 6).

Existia uma “consolidação” referente à indústria cultural no período militar, considerando que a censura estava sempre presente de maneira bastante ostensiva, coibindo tudo o que contrariava a sua ideologia. Os incentivos do governo foram determinantes para o desenvolvimento do sistema de comunicação no país e os esportes, principalmente o futebol, se consagraram como um espaço perfeito para se propagar a ideologia do governo militar e inflar o moral nacional, pois, para o governo, era clara que as manifestações de lazer serviriam como propaganda política e ideológica. Nesse sentido, a ditadura investiu grandemente na área esportiva, principalmente por meio de políticas que tinham como meta incentivar e divulgar a participação brasileira em campeonatos mundiais de futebol e jogos olímpicos (SALVADOR; SOARES, 2009, s/p apud ALMEIDA; RIBEIRO, 2014).

Segundo Guterman *apud* Magalhães (2011), na Copa de 1966, no retorno após a eliminação, a seleção brasileira não foi recebida com festa. As únicas manifestações que pairavam nas ruas eram contestando o regime. Assim, a Lei de Segurança já vigorava como reação as revoltas no país e com o passar dos anos o Ato Institucional nº 5, de 1968, suspendeu os direitos civis e a censura se estabeleceu de forma dura.

Dessa forma, a instalação desse regime autoritário já se refletia na seleção brasileira de futebol, sendo investigados a comissão técnica e os jogadores por causa da má atuação na copa de 1966. Nesse sentido, aumentou também a inserção de militares na entidade que gerenciava o futebol brasileiro na época. (GUTERMAN, *apud* MAGALHÃES, 2011).

A derrota e a péssima campanha (a pior do Brasil em Copas do Mundo até hoje) geraram uma crise no futebol nacional. Ao retornar ao país, a seleção 57 foi escoltada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) no desembarque. A derrota foi levada tão a sério pelo regime que foi organizada uma Comissão para investigá-la; tudo seria feito para impedir um novo fracasso. Anos depois, alguns jogadores e parte da comissão técnica assumiram ter sofrido pressões externas à delegação durante o campeonato. Feola disse que a decisão de alterar a escalação do time contra Portugal não foi sua, mas de terceiros. Havelange sentiu a pressão oficial, e a partir de então a CBD se moldava cada vez mais no estilo militar, o que ficou conhecido como a militarização da CBD e da delegação. As devidas providências foram tomadas pensando na próxima Copa, em 1970, no México (GUTERMAN *apud* MAGALHÃES, 2011, p. 3).

Ao mesmo tempo, no Parque São Jorge, reuniam-se atletas engajados de forma política, como Casagrande, Wladimir e, principalmente, Sócrates. Todos esses e mais o diretor de futebol do clube e também sociólogo Adílson Monteiro Alves. De acordo com Guterman:

A parte de todo o mar autoritário que havia à época, onde não havia eleições diretas para presidência da República, o Corinthians tornava-se uma ilha de democracia liderada por Sócrates, Casagrande e Wladimir, chegando ao posto de sócios beneméritos e conselheiros do clube, tendo direito a voto para presidência da entidade (apud CASTILHO, 2010).

Desse modo, os atletas do Corinthians passaram a ser convidados a participar das tomadas de decisões que até então eram centralizadas. Pautas como concentração, investimentos em novos jogadores, contratação de técnico; tudo passava pelo voto de todos os integrantes do clube, e o voto de todos tinha o mesmo peso – sem exceção.

### **3. DEMOCRACIA CORINTIANA**

#### **3.1 Panorama da transição entre ditadura corintiana e a democracia no Clube**

Para uma melhor compreensão referente a que forma a Democracia Corintiana se desenvolveu dentro do Corinthians, e depois desdobrando-se na política do país, faz-se necessária uma breve retomada no que tange ao momento pelo qual o Brasil passava. Além disso destaca-se, principalmente, o contexto político interno corintiano no período ditatorial brasileiro.

Nesse sentido, primeiramente, ressalta-se que, no período ditatorial brasileiro, a escolha dos presidentes era feita de forma indireta, em pleitos eleitorais dominados pelos militares. Nesse sentido, só existiam dois partidos: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que tinha os opositores ao Regime Civil-Militar instaurado em 1964; e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido que visava sustentar e legitimar os militares brasileiros (REZENDE, 2013).

No que tange ao contexto político corintiano na época ressalta-se a figura de Vicente Matheus, uma pessoa extremamente emblemática e controversa na história do Corinthians. Foi eleito presidente pela primeira vez no ano de 1959, Matheus teve sua notoriedade pelo fato de ter transformado o Corinthians na sua vida, e a sua vida no Corinthians. Dessa maneira, Vicente Matheus foi eleito presidente da instituição por 8

vezes. Em alguns momentos adorado, em outros momentos odiado, todavia sempre presente dentro do clube (KFOURI, 2016).

Centralizador e paternalista, considerado um símbolo pela maior parte dos torcedores corinthianos, Matheus era um dos mais ferozes inimigos da abertura. Com [...] simplicidade e inteligência, pulso firme e declarações folclóricas atribuídas a sua falta de estudo, em muitas ocasiões chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para contratar jogadores. Seus adversários nunca ousaram acusá-lo de utilizar o clube para enriquecer ou se promover. Mas individualista e um tanto prepotente, o folclórico presidente do clube entendia pouco de liberdade. Comandava o Corinthians com mão de ferro. Certa vez ao comentar seu estilo de administração, declarou: 'o Corinthians é uma ditadura mole!' Quando derrotado politicamente no clube, recorria à justiça. As renovações de contratos dos atletas transformavam-se em verdadeiras novelas. Auto proclamava-se uma espécie de 'defensor dos direitos do Corinthians' (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 29).

De acordo com Sócrates & Gozzi (2002), Matheus tinha o conhecimento de como utilizar de maneira astuta o poder que lhe era conferido; entre a confiança e o medo, a relação se estabelecia entre Vicente Matheus, funcionários e demais membros do Conselho Deliberativo. Matheus usava o estatuto de maneira a lhe beneficiar sempre que possível, utilizando inúmeras manobras políticas – dentro e fora do Corinthians. Nesse sentido, podia-se atrelar o modelo de gestão de Vicente Matheus aos governos militares.

Segundo Sócrates & Gozzi (2002), a crise pela qual passava o Corinthians entre os anos de 1979 e 1981 exigia mudanças. No entanto, as pessoas que tinham acesso ao poder no clube não o deixavam facilmente. Em 1981, com a finalidade de manter o seu poder - já que não poderia concorrer diretamente ao cargo - Vicente Matheus volta a se valer de manobras políticas e lança um homem de sua confiança, Waldemar Pires, como presidente na chapa em que ele mesmo – Vicente Matheus – era vice. Cabe ressaltar, também, que Waldemar Pires entrou no cenário político corinthiano em 1972, convidado por Vicente Matheus; e vice-versa nas eleições de 77 e 79.

Resumindo, era uma troca de cargos vitalícia, e com isso nada mudava; e Vicente Matheus continuava agindo como presidente do Corinthians, pois, “na prática, a candidatura de Pires foi uma manobra para driblar os estatutos do clube” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 44). Este período foi muito conturbado, tanto é que a chapa que concorria com a de Pires era liderada pelo irmão do Vicente Matheus, Isidoro Matheus,

com quem tinha uma relação nada boa. Assim, o resultado da eleição foi o que já era esperado, ou seja, a chapa Waldemar/Vicente venceu.

Segundo o próprio Waldemar Pires, “o Matheus era meu vice-presidente, mas centralizava muito. Ele queria mandar como se fosse o presidente. Então eu me vi obrigado a tomar uma atitude” (Pires *apud* SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 45).

Ilustrando a condição acerca de como Vicente Matheus centralizava o poder no Corinthians, agindo como se fosse o presidente, e não o vice, Florenzano (2010) destaca uma ocasião na qual um jogador se dirigiu até a direção do clube para acertar os termos do seu contrato por parte do Atlético Mineiro, mas, chegando na sala, encontrou Vicente Matheus sentado na cadeira do presidente. Confirmando tal cenário, Vicente Matheus ainda teria dito ao jogador que o mesmo poderia tratar diretamente com ele, pois era quem realmente mandava no clube (FLORENZANO, 2010).

De acordo com Sócrates & Gozzi (2002), no início da década de 1980, com o cenário político interno conturbado no clube ainda prevalecendo, jogadores do Sport Club Corinthians Paulista <sup>10</sup> iniciaram um movimento revolucionário no futebol brasileiro.

No início da década de 80, o Brasil passava por um período de abertura política, após quase duas décadas de ditadura. Na mesma época, os principais jogadores do Corinthians estavam insatisfeitos com as condições de trabalho no clube e tiveram a oportunidade de mudar o que estava errado (SÓCRATES E GOZZI, p. 19. 2002).

A denominada ‘Democracia Corinthiana’ consistia em tomadas de decisões internas do clube, por meio de votações conjuntas, em que todos os personagens do clube podiam votar. Nesse sentido, conforme ressalta Plotke (1997), o retrato de uma democracia participativa não deveria depender de um esforço equivocado em substituir a representação por participação. Segundo Kfourri (2016):

Votava-se no Corinthians não só para escolher o técnico ou o goleiro a ser contratado, como também para decidir se o ônibus que trazia o time dos jogos no interior de São Paulo deveria parar para o jantar num restaurante à beira da estrada ou seguir direto para o clube, onde cada um pegaria seu automóvel e iria para casa (KFOURI, 2016, p.49)

---

<sup>10</sup> Clube poliesportivo brasileiro da cidade de São Paulo, capital do estado homônimo. Foi fundado como uma equipe de futebol no dia 1 de setembro de 1910 por um grupo de operários do bairro Bom Retiro (GOLDIM, 1976).

Todavia, conforme salienta Sócrates & Gozzi (2002), essas relações desenvolvidas no interior da equipe - buscando estabelecer as práticas de autogestão - só aconteceram pois, nos anos que antecederam a Democracia Corinthiana, Vicente Matheus<sup>11</sup> era o presidente do Corinthians. Matheus era uma figura de cunho autoritário quanto a administração do clube e que centralizava todas as decisões para si. Tudo que se passava carecia de sua aprovação.

### 3.2 O retrato simbólico da Democracia Corinthiana

Desde o começo da gestão de Waldemar Pires, o prenúncio de mudanças latentes na condução do Corinthians era visível, sobressaía-se um sentido de ‘democratizar’ as formas pelas quais as decisões eram tomadas. Alguns indícios relevantes eram erguidos para essa possível transformação na “filosofia administrativa”, no qual a “simples aceitação de Matheus em ser o vice, já significa uma abertura no clube” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1981, p. 44).

Assim, sob o comando de um presidente corretor da Bolsa de Valores, somado a um diretor de futebol sociólogo, a Democracia Corinthiana foi, segundo Quique (2013, p. 136), “um movimento envolvente que levaria à autogestão do clube por parte de todos os seus estamentos”. Dentro do gramado, os líderes eram, além de Sócrates<sup>12</sup>, os atletas Walter Casagrande<sup>13</sup>, Zenon de Sousa Farias<sup>14</sup> e Wladimir Rodrigues dos Santos<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> Foi um empresário espanhol naturalizado brasileiro. Foi presidente do Sport Club Corinthians Paulista por dezoito anos durante vários mandatos não consecutivos de 1959 a 1991. Como empresário, Matheus atuava no ramo da mineração de pedreiras (SILVA, 2010).

<sup>12</sup> Sócrates Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, mais conhecido como Sócrates e também referido como Doutor Sócrates, Doutor ou Magrão, foi um futebolista e médico brasileiro.

<sup>13</sup> Walter Casagrande Júnior mais conhecido como Casagrande ou simplesmente Casão é um ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. Atualmente, trabalha como comentarista de futebol pela Rede Globo.

<sup>14</sup> Zenon de Souza Farias é um ex-futebolista brasileiro que atuava como meio-campista. Atualmente trabalha como comentarista esportivo na Rede Família.

<sup>15</sup> Wladimir Rodrigues dos Santos, mais conhecido como Wladimir, é um ex-jogador de futebol que atuava como lateral-esquerdo.

Fontes: (12, 13, 14, 15): Sócrates; Gozzi, Ricardo. Democracia corintiana: a utopia em jogo. Boitempo Editorial. 2017 – via Google Books.

Com os jogadores assumindo amplas parcelas do poder e os ideais democráticos como bandeira, a Democracia Corinthiana (termo cunhado pelo publicitário Washington Olivetto, que o escutou de passagem do jornalista Juca Kfourri, amigo pessoal dos jogadores do Corinthians) transformou o clube em um partido político itinerante. Seu funcionamento interno era tão simples quanto revolucionário: tudo era decidido em assembleias nas quais votavam desde a estrela da equipe até o último roupeiro, e todos os votos tinham exatamente o mesmo valor. Ali se decidiam horários de treinamento e de refeições, ou se era preciso comprar bolas [...]. O lema era “liberdade com responsabilidade”. E todos a exerciam, cada um à sua maneira (QUIQUE, 2013, p.37).

Segundo Kfourri (2016), este movimento teve o apoio não somente dos torcedores do clube paulista, mas também influenciou as massas. O movimento teve uma importância considerável na ideia da redemocratização do país, sobretudo após colocar em suas camisas de jogo a frase “Dia 15 Vote” (1982). O movimento gestado no Corinthians chegava à população brasileira, por meio das transmissões televisivas dos jogos. Todavia, mais tarde o CND (Conselho Nacional do Desporto) fez com que o clube retirasse tal escrito,

Dois anos depois, em 1984, a denominada Democracia Corinthiana (Sócrates Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Wladimir Rodrigues dos Santos, Walter Casagrande Júnior e Zenon de Souza Farias) foi para as ruas. Estima-se que cerca de um milhão e meio de pessoas estivessem no comício pelo movimento “Diretas Já”<sup>16</sup>, realizado no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Em cima do palco (palanque), estava um dos expoentes do Corinthians, Sócrates (Figura 1)<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido entre 1983 e 1984. Foi liderado por Dante Martins de Oliveira, que militou no MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro) e depois ingressou no partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB). O político era matogrossense e faleceu em 2006 (JORNAL DO SENADO, 2009).

<sup>17</sup> Os jogadores da Imagem são: Sócrates Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, mais conhecido como Sócrates e também referido como Doutor Sócrates, Doutor ou Magrão; Walter Casagrande Júnior mais conhecido como Casagrande ou simplesmente Casão; Zenon de Souza Farias é um ex-futebolista brasileiro que atuava como meio-campista; Wladimir Rodrigues dos Santos, mais conhecido como Wladimir (REVISTA ESPORTIVA PLACAR, 1983).

Figura 1. Comício realizado no Vale do Anhangabaú



Fonte: Site do Sport Club Corinthians Paulista. 2020.

O mesmo prometia, perante a multidão, continuar no clube e resistir à tentadora proposta da equipe italiana Fiorentina, caso as eleições – diretas – fossem apreciadas e aprovadas. “Não só o Congresso Nacional não aprovou as diretas, como o Doutor Sócrates foi para Florença e a Democracia Corinthiana desapareceu na eleição de um “dinossauro” para a presidência do clube” (KFOURI, 2016, p. 52).

A meu ver, a campanha das diretas expressou – mais intensamente do que outros eventos de protesto do período – o principal eixo de tensões sociais e políticas lutando para ampliar suas margens de autonomia política, e, de outro lado, certas camadas sociais dominantes e elites dirigentes, que buscavam conservar suas posições de poder com base na reprodução de uma estrutura autocrática de dominação política (BERTONCELO, 2007, p. 59).

Conforme Paoli (1995) as ações de cunho democrático dentro do Sport Club Corinthians Paulista podem ser observadas acerca das duas gestões do presidente Waldemar Pires à frente da referida instituição esportiva, as quais se deram entre meados de março de 1981 e março de 1985. No período em questão, estabeleceram-se algumas formas administrativas menos autoritárias dentro do clube e da equipe de futebol, tornando-se possível, desse modo, a participação dos jogadores e funcionários comuns nas tomadas de decisão do clube.

O movimento mencionado no parágrafo anterior se deu acerca do período do fim dos anos de 1970 e no início de 1980, o qual foi marcado, no país, pelo crescimento de movimentos sociais e sindicais. Os protagonistas políticos da época, tinham como viés de articulação o embate à ditadura civil-militar, tudo decorrente da edificação de um projeto que ampliasse a ideia de cidadania, aprofundando-se na democracia.

De acordo com Florenzano (2003), a Democracia Corinthiana pode ser observada como parte de um questionamento paternalista dentro do futebol, ao ponto em que se apresentava como espaço de contraponto à hierarquia vivenciada no âmbito esportivo, que impossibilitava o jogador de comandar a própria realidade e a própria vida. Segundo Sócrates (2002, p. 18), “o futebol brasileiro é meio retrógrado e paternalista. Apegados ao poder, os dirigentes dos clubes e federações procuraram alienar os jogadores e tratá-los como escravos”. Nesse contexto, segundo o autor, no Brasil, dificilmente um profissional futebolista é encarado como cidadão.

Desde que Charles Miller <sup>18</sup>introduziu o futebol no Brasil, poucos foram os momentos nos quais os jogadores lutaram por melhores condições de trabalho. Mais raras ainda foram as lutas das quais os atletas saíram vitoriosos. Em um país como o Brasil, dificilmente o jogador de futebol é tratado como profissional e cidadão, com direitos e deveres, com liberdade e responsabilidade (SÓCRATES, 2002, p18).

Em concordância com Martins (2012), a democracia e suas significações para os atores da Democracia Corinthiana sempre estiveram subentendidas na esfera individual. No que tange as ‘liberdades’, como não concentrar antes das partidas ou ao direito de falar e opinar, ou até mesmo em situações mais concretas condizentes aos direitos do trabalhador.

#### **4. Revista Placar**

Compreendendo a função da imprensa como instrumento formador de opinião, a revista Placar serviu como fonte histórica na concepção do entendimento do que se passava na época da ditadura, bem como evidenciou o surgimento da Democracia Corinthiana como uma das manifestações culturais de resistência por meio do uso simbólico do futebol, apoiando, assim, o processo de redemocratização do país.

---

<sup>18</sup> Esportista brasileiro, considerado o "pai" do futebol e do rugby no Brasil (MILLS, 2005).

Segundo Silva (2011), as modificações das formas de comunicação são, também, de interesse do historiador. Assim, a imprensa escrita oferece subsídios e condições para a pesquisa histórica.

#### 4.1 A Democracia Corinthiana segundo a Revista Placar

O esporte como um todo, a partir da década de 1970, passou a ser entendido e explorado pelo âmbito histórico ao mesmo tempo que a imprensa especializada se consolidava. Os jornais da época passavam a ceder mais campo em suas páginas ao cenário esportivo, ao mesmo tempo que alguns historiadores começavam a dar mais espaço às análises sobre o futebol brasileiro. No período ditatorial brasileiro, iniciava-se uma forte produção referente ao assunto – futebol no Brasil – por cronistas, escritores, jornalistas e acadêmicos em geral. Esses profissionais estavam solidificados na indústria cultural no país da época.

Entre 1960 e 1970 surgia o interesse de historiadores do Brasil por uma imprensa escrita como meio de pesquisa. De acordo com a Placar (1983)<sup>19</sup>, no que diz respeito a demanda referente às políticas presentes no retrato estabelecido das ‘Diretas Já’ - na questão da Democracia Corinthiana - as críticas mais contundentes feitas a ela eram que a mesma se tratava de uma democracia “de três ou quatro”, segundo a própria imprensa paulista comumente veiculava. Tal fato repercutiu principalmente durante a demissão do técnico Mário Travaglini.

Nesse sentido, referiam-se ao largo diálogo que havia na época entre os atletas corinthianos Adilson Monteiro Alves, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Walter Casagrande Júnior e Wladimir Rodrigues dos Santos. De fato, estes jogadores eram bem mais articulados e isso ninguém negava naquele tempo dentro do clube. Adilson Monteiro Alves<sup>20</sup> confirmou à Revista Placar que existia um grupo seletivo dentro do movimento, uma espécie de vanguarda.

Em todo movimento há uma vanguarda que coloca posições para a massa. Mas, na medida em que a proposta se transformou em projeto aprovado pela maioria,

---

<sup>19</sup> Revista brasileira especializada em esporte. Lançada em 1970 pela Editora Abril, foi comprada pela Editora Caras em junho de 2015, e readquirida pela Abril em outubro de 2016. Fonte: ALENCR & KFOURI, 2006)

<sup>20</sup> Sociólogo brasileiro que no início dos anos de 1980 foi diretor de futebol do Corinthians (KFOURI, 2006).

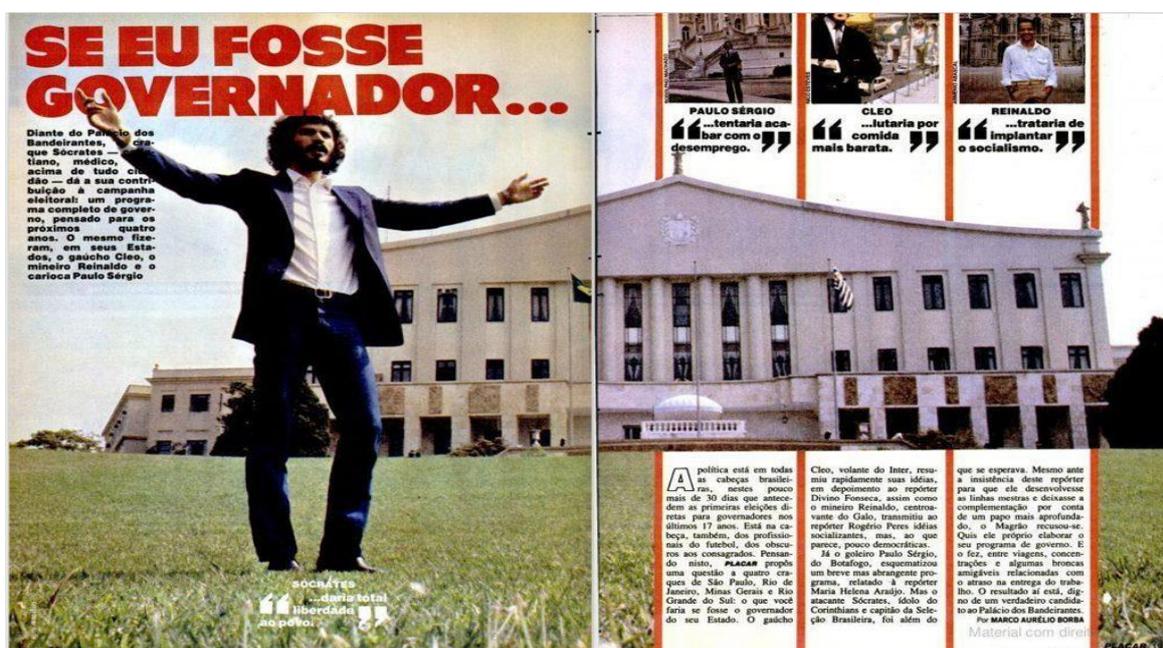
essa vanguarda foi diluída dentro da massa. Mas há sempre pessoas que se entregam mais. Você só leva murro se puser a cara. Nós - Wladimir, Sócrates e Adilson, que estavam sendo entrevistados - aceitamos isso (PLACAR, 1983 p.14).

No entanto, ainda segundo a Placar (1983), o mesmo Adilson Monteiro Alves ressaltou que essa vanguarda se desmanchou a partir do momento em que a Democracia Corinthiana tinha dado certo.

Kfoury (1982), afirmou em seu artigo: *Quem disse que jogador não pensa bem?* Que, como a bola, as eleições também apaixonam o país e os nossos jogadores delas 170 participaram cada um a seu jeito ao contrário de um momento recente em que “não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional” (PLACAR, 1982, p. 3). Vale destacar que essa edição da revista Placar (1983) teve uma espécie de elaboração de uma proposta de governo por jogadores como Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, do Corinthians, Cléo Inácio Hickman, do Internacional, Reinaldo Rosa dos Santos, do Atlético Mineiro e Paulo Sérgio de Oliveira Lima, do Botafogo. Estes jogadores, com tal atitude, visavam demonstrar o seu grau de comprometimento com a democracia e como eles próprios governariam seus próprios Estados, como se fossem propriamente políticos (PLACAR, 1982).

Especificamente atrelada a Democracia Corinthiana, e reverberando sua linha ideológica, a reportagem supracitada traz o atleta Sócrates - do Corinthians - com os braços estendidos diante do Palácio dos Bandeirantes, junto aos dizeres: daria total liberdade ao povo (Figura 2). Sugerindo-se um patriotismo destacado através da simulação da cerimônia do hino, assim como o enquadramento que destaca a figura de Sócrates num primeiro plano com o Palácio dos Bandeirantes ao fundo, reposiciona o atleta ao desafiar o estereótipo de alguém que é um alienado político - o que é constantemente atribuído aos futebolistas - pois o eleva à categoria de cidadão que, além de reconhecer o seu direito democrático de participar da vida política, postula um cargo de comando de Estado. (Imagem 2).

Figura 2: Sócrates diante do Palácio dos Bandeirantes



Fonte: Ludopédio, 25 abril 2017.

Nesse sentido, com essa dupla significação da pose do jogador existe uma associação entre futebol e vida política na medida em que o fato de se cantar o hino nacional é recorrente tanto em cerimônias cívicas quanto em eventos esportivos. Assim, o jornalista Marcos Aurélio Borba evidenciou a meta que a Revista Placar queria atingir ao mostrar as propostas construídas pelos futebolistas:

A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes poucos mais de 30 dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados. [...] O resultado aí está, digno de um verdadeiro candidato ao Palácio dos Bandeirantes. (PLACAR, 1982, p. 19).

Já o jogador Sócrates, que era o capitão da Seleção do Brasil em 1982, não aceitou conceder entrevista, entregando posteriormente uma espécie de “plano de governo” que evidenciava as suas preocupações primordiais em relação aos aspectos sociais e de políticos. O jogador do Corinthians explanou que sua posição e opinião não eram atreladas à partidos políticos e que objetivavam apenas o pensamento de bem-estar da população de um modo geral. Em relação à democracia, Sócrates afirmou que este seria um direito que precisaria ser posto a mesa e exigido, ainda que não agradasse a

totalidade absoluta das pessoas. Desse modo, resumiu as preocupações dos brasileiros em: trabalho, educação, alimentação, habitação e saúde (PLACAR, 1982).

Ainda segundo a Placar (1982), os posicionamentos de Sócrates ressaltavam que ele entendia como essencial o papel do Estado nas tomadas de decisões, a fim de se ter melhoramentos sociais necessários e significativos. Referente à questão laboral, o jogador verificou a necessidade de se criar emprego, além de uma boa destinação da receita pública. Sócrates ponderou também acerca de uma orientação voltada para a migração de mão de obra para acabar com a recessão e o a falta de emprego. O jogador também se referiu às garantias de condições adequadas de trabalho e da participação dos empregados nas decisões que os afetam. Nesse sentido, o jogador ainda deixou em destaque a sua ideia de que o governo devia não se meter em questões sindicais, afastando-se das mesmas.

Ainda nessa perspectiva, de acordo com a Placar (1982), no que dizia respeito à habitação e solo urbano, Sócrates considerou que o governo ideal precisaria garantir a construção de casas próprias, regulamentando áreas clandestinas e favelas. Ressaltou ainda, que o próprio poder público precisaria conter a consolidação de novas habitações irregulares. No entanto, garantindo infraestrutura urbana básica, referente à energia elétrica e água e esgoto canalizados. Em relação à saúde, o 'Doutor' Sócrates ressaltou uma proposta que visava a valorização da profissão de médico, bem como dos centros de pesquisa e das universidades, como a Universidade de São Paulo (USP), além do aparelhamento dos postos de atendimento e ambulatórios. Já a respeito da educação, o 'candidato Sócrates' disse que caberia ao Estado a garantia da instrução total do povo, bem como o incentivo à profissionalização.

Por fim, ao mencionar a questão da alimentação, o mesmo atleta evidenciou que o Estado precisava dar valor ao trabalhador campesino e que deveria dar a garantia que o alimento não chegasse inflacionado à mesa da população. Dando fim ao seu programa de governo, o jogador Sócrates evidenciou:

Enfim, todos esses planos podem e devem ser colocados em prática, pois são anseios de um povo que busca o seu bem-estar. Mas só conseguiremos isso quando todos tiverem ampla e total liberdade para se expressar, se informar, participar, escolher e, sobretudo, protestar. Isso é viver com dignidade (PLACAR, 1982, p. 22).

Verifica-se assim que, para o jogador, as propostas elencadas dependem e atrelam-se, primeiramente, à democracia. Assim, percebendo-se que apenas a liberdade de informação e de escolha por meio do voto têm a garantia de que outras demandas e direitos sociais sejam atingidos (REVISTA PLACAR, 1982).

## 5. DISCUSSÕES

De acordo com Silva (2011), no ano de 1980, pôde-se observar várias manifestações políticas nos estádios pelo Brasil, as mesmas espelhavam o anseio da sociedade da época. Nesse sentido, o movimento que ficou mais conhecido no futebol brasileiro em meio a ditadura - a Democracia Corintiana - não resultou em grandes alterações diretas na sociedade nem mesmo entre os clubes. No entanto, serviu efetivamente como um exemplo de como o fim do regime ditatorial brasileiro se aproximava.

Este contexto organizado no início da década de 1980 dentro de um clube popular foi, em momento crucial na história do país, um fato marcante, uma vez que os jogadores entravam em campo com faixas, cartazes e dizeres na camisa do time como: "diretas já", "eu quero votar para presidente", esta manifestação correspondeu à necessidade de articulação por luta pela democracia já que a organização social, política e econômica atende a bipolarização do mundo expressa pela Guerra Fria e, no caso específico do Corinthians, há uma consciência de classe manifestada sobretudo por jogadores como Sócrates e Wladimir, principais articuladores deste movimento. (SILVA, 2011, p.45)

De acordo com Sócrates (2002), contextualizando as ideias de democratização brasileira, emergiu-se no Sport Club Corinthians Paulista, a Democracia Corintiana. De forma geral, definiu-se este movimento por meio de uma das maneiras de proceder, ou seja, a oportunidade de os jogadores futebolísticos terem a sua voz ecoando pelo seu voto em questões ligadas ao departamento de futebol.

Frente à bibliografia revisada, observou-se que a Democracia Corintiana abarcou um momento importante e único do futebol no Brasil, pois verificou-se que os sujeitos do futebol se engajaram em um processo político – não que este processo não tenha tido suas contradições - mas afirmou algumas condições mais cidadãs de labor e de reconhecimento social. Nesse sentido, na Democracia Corintiana, o jogador - agente mais fraco de poder na produção que envolve o espetáculo esportivo - procurou um papel de sujeito político dentro de uma construção coletiva, mesmo que não de forma completa

no diz respeito a autonomia, mas foi além do campo de jogo e permeou suas condições de vida politicamente e socialmente dizendo.

Nesse intento, ressalta-se - nesta pesquisa - a possível comparação entre a gestão de Matheus (presidente do Corinthians) e a gestão de Geisel e Figueiredo (presidentes do Brasil na ditadura), no sentido destas figuras políticas mudarem as “regras do jogo” político com a finalidade de benefício próprio. Além disso, mais importante do que a forma de poder era a própria manutenção dele. Outro ponto em que a gestão de Vicente Matheus pode ser comparada com o governo militar é a questão da crise enquanto desencadeadora de mudança política.

Segundo Sócrates - autor e jogador daquela época - esta experiência, para ele e para os seus colegas de clube daquele tempo, pode ser verificada através de múltiplas faces: seja como um processo de gestão moderna do Corinthians; seja como vanguarda atrelada a promover o *marketing* esportivo por meio do fator “democracia *versus* ditadura”. Seja, também, como a simples conduta de jogadores participarem nas lutas políticas das “Diretas-Já” ou como mecanismo organizado reivindicador das demandas relacionadas às suas próprias condições laborais.

Segundo Bloch (2002), “novos tempos levam a novas historicidades, boas perguntas constituem campos inesperados”. Questionando fontes, os historiadores concebem um significado e extraem de sua linguagem elementos de representação da História.

Pôde-se observar um processo de introdução política do futebol do país injetado no processo nacional clamado por Geisel<sup>21</sup>. Nesse sentido, a revista placar teve um protagonismo acerca da opinião e da crítica à gestão do Almirante Heleno como presidente da Confederação Brasileira de Desportos e que apoiou a edificação da Confederação Brasileira de Futebol.

O futebol desenvolve o senso de solidariedade na busca de um objetivo comum e o ideal da política não é outro. Desenvolve o autocontrole, a capacidade de raciocinar mesmo quando todos em volta parecem ter perdido a cabeça, e desenvolve os músculos da perna para aquela hora que só um pontapé resolve mesmo. Decididamente, o futebol tem ajudado mais a política do que a política o futebol. (PLACAR, 1982, p. 39).

---

<sup>21</sup> Ernesto Beckmann Geisel foi um político e militar brasileiro, que entre 1974 e 1979 foi o 29º Presidente do Brasil, sendo o quarto na ditadura civil-militar brasileira (CASTRO, 2002).

Existe uma frase icônica retumbada desde a década de 1950: “Futebol é o ópio do povo”, de Millôr Fernandes. Desde 1970, o futebol esteve envolvido mais com política do que com qualquer outra coisa. Exemplo disso foi a “Democracia Corinthiana”, que em 1982, apoiou a campanha de Luís Inácio Lula da Silva, para governador do Estado de São Paulo. Também foi a partir de 1970 que a Ditadura Civil-Militar se utilizou do esporte como *marketing* político de suas campanhas, e, também, foi quando a frase icônica supracitada, de Millôr Fernandes, foi reproduzida quase que diuturnamente por pessoas contrárias ao governo ditatorial civil-militar (RINALDI, 2000).

Observou-se também, neste estudo, que o futebol é considerado um esporte que tem a identidade nacional, possui marcado na sua história diversos episódios únicos. Nesse sentido, a Democracia Corinthiana batalhou muito pelo “direito de os jogadores votarem em qualquer questão que fosse do seu interesse direto” (ROSSI, 2014, p. 328).

Nesse contexto, verificou-se que a Democracia Corinthiana foi parte de uma expressão relevante dentro do cenário das “Diretas Já!”, pois, na época, era mais uma categoria de profissionais que se uniam aos operários e outros setores que reivindicavam a aprovação da emenda de Dante de Oliveira<sup>22</sup>, restabelecendo, assim, as Eleições Diretas para presidente. Desse modo, emergiam-se novos espaços de mobilização política, e, sendo assim, tanto os movimentos sociais e sindicais quanto alguns jogadores eram alvos desse simbolismo político.

Pode-se observar que alguns jogadores foram tomados como ídolos de liberdade dentro do Corinthians, vivenciando uma liberdade de expressão, que muitos dos brasileiros, naquele momento de ditadura no país, desejavam vivenciar. Mesmo limitados pelo que as estruturas organizacionais do Corinthians ofertavam, estes mesmos jogadores participaram de comícios, venceram campeonatos e, assim, lutaram pela democracia dentro e fora do clube.

---

<sup>22</sup> Foi um engenheiro civil e político brasileiro. Ficou nacionalmente conhecido pela autoria de uma emenda constitucional que levou seu nome, propondo o restabelecimento das eleições diretas para presidente da república, em um movimento que resultou na campanha das “Diretas Já” (Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dante-de-oliveira-de-desconhecido-simbolo-12246587>. Acessado em: 14 de nov de 2020).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, pode-se concluir que é possível romper com alguns modelos de gestão retrógrados, seja na política ou no futebol. Ou seja, que nenhum poder autoritário é mais forte que a maioria - ou melhor - do que a democracia. É notório que o movimento denominado Democracia Corinthiana não teria a mesma representatividade se não tivesse em meio a um período ímpar e conturbado, como foi o da ditadura civil-militar no Brasil. O período vivido com a presença ímpar de sujeitos como - Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Walter Casagrande Júnior, Wladimir Rodrigues dos Santos, e principalmente de Adilson Monteiro Alves - proporcionou a abertura necessária ao movimento.

No que diz respeito à fonte primária desta pesquisa, considera-se que a revista Placar contribuiu de forma incisiva com a história do futebol no país. Em suas páginas, marcadas pelo momento de ditadura-civil-militar, edificaram-se percepções a respeito do Campeonato Brasileiro, da Seleção Brasileira de futebol e da relação entre esporte e a política. Nesse sentido, diante dos argumentos expostos no decorrer do trabalho, pode-se chegar à conclusão, especificamente, que também compete aos historiadores a verificação do texto jornalístico das revistas especializadas como instrumento de edificação de narrativa de imagens e de textos históricos.

Atenta-se também para a relevância deste trabalho para o meio acadêmico de História, pois trata-se, também, de um movimento histórico importante – as Diretas Já! - que ocorreu em um período mais importante ainda, bem como delicado – a ditadura civil-militar brasileira. Essa importância baseia-se não somente em relação à proposição histórico-política do país, mas também no que tange ao Sport Club Corinthians Paulista e ao esporte.

Assim, evidenciando-se como mais uma dentre tantas outras manifestações culturais de resistência que corroboraram para o processo democrático brasileiro, pôde-se verificar a necessidade de se discutir mais acontecimentos como os da Democracia Corinthiana em ambientes de graduação. Não apenas na área das Ciências Humanas, mas, também, nas Ciências Sociais, por exemplo.

## FONTES PRIMÁRIAS

**Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, Comunicado à Imprensa**, 14 de março de 1978, 3 laudas.

Revista Esportiva Placar. **Placar**. Edição de 15 de outubro. Editora Abril. 1982, p.19.

Revista Esportiva Placar. **Placar**. Edição de 19 de novembro. Editora Abril. 1982, p.39.

Revista Esportiva Placar. **Placar**. Edição de 17 de abril. Editora Abril. 1983, p. 14 – 17.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B.; RIBEIRO, K. S. **A interferência dos governos militares (1964-1985) no futebol brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Licere, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar/2014.

ALENCAR, Carlos; *KFOURI, Juca*. **O Militante da Notícia**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968- 1978): O exercício cotidiano da dominação e da resistência O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

BERTONCELO, E. **A campanha das diretas e a democratização**. São Paulo: Humanitas, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CASAGRANDE JUNIOR, Walter & RIBEIRO, Gilvan. **Casagrande e seus demônios**. São Paulo: Globo Livros, 2013.

CASTILHO, M. M. **Futebol, Sociedade e Política: Influência da Política na Formação e Desenvolvimento do Futebol no Brasil**. São Paulo: Monografia, Universidade de São Paulo, 2010.

CASTRO, Celso. **As apreciações do SNI**. In D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). Dossiê Geisel. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FLORENZANO, JP. **A democracia corinthiana: práticas de libertação no futebol brasileiro** [tese]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 2003.

\_\_\_\_\_. **“Democracia Corinthiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro”**. FAPESP, EDUC; 2010, São Paulo, Brasil.

GONDIM, Nailson. **Corinthians Paixão Do Povo**. Idioma: português. Editora: Global. Ano 1976.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LANZA, Fábio. **Matrizes Ideológicas dos Arcebispos Paulistanos (1956-85): Um olhar sob o prisma do semanário o São Paulo**. 2006. Tese (Doutorado) em Ciências Sociais apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KFOURI, Juca. **O Militante da Notícia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

KFOURI, Juca. **Confesso que perdi: Memórias**. — 1ªed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro. Editora F.A. 1995.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Futebol em tempos de ditadura civil-militar**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Julho 2011.

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968 - 1978)**. São Paulo:

Global Editora, 1980.

MARSHALL, TH. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar; 1967.

MARTINS, MZ. Democracia corinthiana: **sentidos e significados da participação dos jogadores [dissertação]**. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. **A Democracia Domesticada: Bases Antidemocráticas do Pensamento Democrático Contemporâneo**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 3, 2002, pp. 483 a 511.

MILLS, John. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. Editora Panda Books. SP. 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá, RIDENTI, Marcelo, REIS, Daniel Aarão. **A ditadura que mudou o Brasil**. RJ: Zahar, 2014.

MOURA, M.T. R. de A.; ZILLI, M. A. C.; GHIDALEVICH, F. G. M. **Informes Nacionales: Brasil**. In: AMBOS, Kai; MALARINO, Ezequiel; ELSNER, Gisela (edit.). Justicia de transición: com informes de América Latina, Alemania, Italia y España. Berlin: KonradAdenauer Stiftung; Montevideo: Fundação Konrad- Adenauer, Oficina Uruguay, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo Estadão**. Páginas da edição de 26 de julho, pág. 44. geral, página 44 – 1981.

QUIQUE, Peinado. **Futebol à Esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.

PAOLI, MC. **Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político**. In: Helmann M, organizador. *Movimentos sociais e democracia no Brasil*. São Paulo: Marco Zero; 1995.

PEREIRA, Antônio Aparecido. **A Igreja e a Censura Política à Imprensa no Brasil 1968-1979**: com particular atenção à censura ao semanário arquidiocesano “O São Paulo”. 1982. Tese (Doutorado) em Jornalismo, apresentada ao Centro Internazionale per gli Studi sull’Opinione Pubblica, Roma.

PLOTKE, David. **Representation in democracy**. *Constellations*, 4 (1). Malden (MA), 1997, p. 19-34.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REZENDE, Maria J. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de legitimidade 1964-1984**. Londrina: Editora UEL, 2001.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/>. Acesso em 05 de Mar 2020.

RINALDI, Wilson. **Futebol: Manifestação cultural e ideologização**. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 11, n. 1, p.167-172, 2000.

ROSSI, Jones; JÚNIOR, Leonardo Mendes. **Guia politicamente incorreto do futebol**. São Paulo: LeYa, 2014. 416 p.

SAES, DAM. **Cidadania e capitalismo: uma crítica à concepção liberal de cidadania**.

São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo; 2000. (Caderno n.8).

SILVA, Sidney Barbosa da. **Vicente Matheus, o Presidente Fanático**. 2010. Disponível em: [www.campeoesdofutebol.com.br](http://www.campeoesdofutebol.com.br). Acesso em: 24 de nov 2020.

SILVA, Sônia Maria Menezes. **A Operação Midiográfica: a produção de acontecimentos históricos através dos meios de comunicação** - A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964. Tese de Doutorado- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

SILVA. A. X. **História do futebol no Brasil: Uma análise a partir do materialismo histórico dialético**. 2011. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A censura Durante o Regime Autoritário**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, 1989, v. 4 n. 10. p. 21- 43.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corinthiana – A utopia em jogo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.